

8. Para conseguir misericórdia

Também no capítulo 64 da Regra, dedicado como o segundo, à figura do abade, São Bento reitera a convicção que, quem deve ou deseja acompanhar os outros no caminho da conversão, deve começar por si mesmo. Quem sabe de ter necessidade de misericórdia, ajuda os outros a pedi-la e recebê-la.

Esta é uma constante no método cristão e beneditino de educar, formar para a vida. Por exemplo: quem é o melhor formador? Quem forma, realmente, os outros? No fundo, não é tanto quem é bem formado, bem instruído, mas quem se forma sempre, quem se instrui sempre. Porque a formação importante para a vida, não é aquela que nos enche de conteúdo, mas aquela que nos ensina a formarmos sempre, a permanecer sempre discípulos, sempre noviços no aprender de cada dia, no buscar a cada dia a verdade, no aprofundar, cada dia mais a palavra de Deus, a tradição eclesiástica e monástica, em tomar sempre da fonte da vida, da verdade, da beleza. Os nossos verdadeiros formadores e educadores, são aqueles que vimos e vemos sempre em formação, sempre discípulos, mesmo quando são anciãos, mesmo quando já fizeram muitos estudos, mesmo quando viveram tantas experiências. Mestre e padre ou madre, nos são, quem vemos sempre discípulo, quem vemos sempre filho ou filha. Qual é o segredo deles? Essencialmente o desejo e a humildade; o desejo de vida e verdade, que satisfaz na humildade de pedir, mendigar, ouvir, seguir e saber que nunca será perfeito.

Quem, por exemplo, foi e é, para nós, um mestre de oração? Certamente não aqueles que nos dão aulas, mas aqueles que vimos ou percebemos em oração; quem vimos ou percebemos em uma atitude de procura, constante, de Deus, do louvor, da adoração. E quem também nos deu aulas ou ensinamentos sobre a oração, nos ajudou a rezar, na medida em que seu ensinamento era um testemunho, uma oração vivida. Quando Jesus ensinou o Pai Nosso, os discípulos sentiram nestas palavras todo o coração de Jesus, todo o desejo do Pai, o amor pelo Pai, o abandono ao Pai, que Ele vivia dia e noite.

Eis que é assim que São Bento pede a quem tem autoridade na comunidade, de promover a misericórdia, de exercê-la. É testemunha da misericórdia, quem por primeiro, sente a necessidade.

No capítulo 64 da Regra, São Bento insiste ainda mais que no capítulo segundo, sobre este aspecto. Talvez, neste meio tempo, fez experiência de superiores de comunidades muito duros e autoritários, muito preocupados em dar regras e ordens, e sente a necessidade de invocar uma autoridade mais profunda, do que aquela que busca apenas a disciplina na comunidade. São Bento sabe que não é fácil exercer uma responsabilidade no amor mais que no temor, porque quem ama deve ter muita paciência, deve "sofrer" dos irmãos muitas imaturidades, muitas reações adolescentes.

Então, São Bento lembra ao abade de cultivar para com o irmão a misericórdia, que ele necessita. Pede-lhe para ser "casto, sóbrio, misericordioso" (RB 64,9), lembrando-lhe, imediatamente, que é assim que se obtém misericórdia para si: "e faça prevalecer sempre a misericórdia sobre o julgamento, para que obtenha o mesmo para si" (64,10; cf. Tg 2,13). Não faz nada mais que lembrar a bem-aventurança dos misericordiosos: "Bem-aventurados os misericordiosos, porque encontrarão misericórdia" (Mt 5,7).

"E faça prevalecer sempre a misericórdia sobre o julgamento – *semper superexaltet misericordia iudicio*". Esta expressão é retirada da Epístola de São Tiago (2,13), mas se em São Tiago, o sujeito é a misericórdia que prevalece sobre o julgamento, em São Bento, o Abade é o sujeito que deve fazer prevalecer a misericórdia sobre o julgamento. A misericórdia é um instrumento que Deus coloca nas mãos de nossa liberdade, e somos nós, que devemos permiti-la vencer, ser mais importante que a justiça, sozinha. Então, também Deus pode fazer prevalecer a misericórdia em nós.

Como "super-exaltamos" a misericórdia? Como a exaltamos sobre outros julgamentos, outras atitudes, outras formas de olhar e tratar nossos irmãos e irmãs?

Os conselhos que São Bento dá, imediatamente depois, ao abade são essencialmente conselhos de ternura, atenção mais materna que paterna, para a fragilidade dos irmãos: "Na própria correção proceda prudentemente e não com demasia, para que, enquanto quer raspar demais a ferrugem, não se quebre o vaso" (RB 64,12). Em seguida, São Bento acrescenta ainda uma exortação à necessidade que o próprio abade tem desta ternura, porque ele também é frágil, "e suspeite sempre da própria fragilidade, e lembre-se que não deve esmagar o caniço já rachado" (64,13; cf. Is 42,3; Mt 12,20).

Pouco depois, São Bento toma ainda, das Sagradas Escrituras, uma bonita imagem de atenção para com a fragilidade humana: o abade, nas suas decisões e prescrições, sempre deve usar discrição e medida, "lembrando-se da discrição do santo Jacó, quando diz: Se fizer meus rebanhos trabalhar andando demais, morrerão todos num só dia" (64,18; Gn 33,13).

Certamente, em tudo, o abade deve se preocupar com o caminho que o rebanho deve fazer, que o rebanho progrida, que se converta e corrija, mas São Bento não deseja que o plano de progresso do superior ou de uma parte da comunidade, esqueça as ovelhas que devem fazer este caminho. A atenção às pessoas, deve sempre prevalecer sobre os planos que se possa ter sobre estas. Uma mãe que deseja que seu filho se torne um campeão de Fórmula Um, deve ensiná-lo, antes de tudo, a andar...

São Bento, como Deus na Sagrada Escritura, nos ensina um bom método para ser sensível à fragilidade dos irmãos e irmãs, e o método adequado de tratá-la: aquele de ser sensível à própria fragilidade e não esquecê-la, não escondê-la, antes de tudo, de si mesmo. "E suspeite sempre da própria fragilidade, e lembre-se que não deve esmagar o caniço já rachado". Em latim, a Regra pede ao abade que seja "*suspectus*" da sua própria fragilidade, literalmente que "olhe sob (*sub-spicere*)". É como se dissesse que olhando a realidade e, sobretudo os irmãos e irmãs, o abade deve sempre ver, sob tudo aquilo que aparece, a própria fragilidade. É como se tudo aquilo que o abade vê, seja um filme e este deve sempre vê-lo com as "legendas" de sua fragilidade, sua miséria e, portanto, da sua necessidade de misericórdia.